

AS GEOFOTOGRAFIAS COMO NARRATIVAS DAS TRAJETÓRIAS TERRITORIAIS DO TRABALHADOR MIGRANTE NORDESTINO

Geophotographies as narratives of the territorial trajectories of northeastern migrant workers

Fernando Uhlmann Soares
Instituto Federal Goiano - IFGOIANO

Valdir Specian
Universidade Estadual de Goiás - UEG

RESUMO

Se objetivou com esse estudo, utilizar geofotografias para retratar as histórias de trabalhadores e trabalhadoras migrantes nordestinos que ao exercerem a atividade laboral, produzem a sua vida na cidade de Rio Verde, Goiás. Esses registros feitos pelos próprios sujeitos da pesquisa, possibilitaram verificar que existe um imbricado processo de reprodução da ideologia local a partir da manutenção do discurso hegemônico de cidade das oportunidades. Nisso, as geofotografias serviram para desnublar algumas das trajetórias territoriais e as dimensões econômicas, políticas e culturais enquanto expressões do engendramento do sujeito social ao longo do processo de territorialização em um território árido à própria identidade que é o da agricultura capitalista monopolista.

Palavras-chave: Agricultura; Migração; Território; Trabalho.

ABSTRACT

The objective of this study was to use geophotographs to portray the stories of northeastern migrant workers who, when carrying out their work activities, produce their lives in the city of Rio Verde, Goiás. These records made by the research subjects themselves, made it possible to verify that there is an intertwined process of reproduction of local ideology based on the maintenance of the hegemonic discourse of the city of opportunities. In this sense, geophotographs served to uncover some of the territorial trajectories and economic, political and cultural dimensions as expressions of the engendering of the social subject throughout the process of territorialization in a territory barren of its own identity, which is that of monopoly capitalist agriculture.

Keywords: agriculture; migration; territory; work.

INTRODUÇÃO

Os pesquisadores Freire (2016) e Arroyo (2018) argumentam que o colonizador, opressor e o patrão geram meios para que o trabalhador se sinta envergonhado de narrar a própria história de vida e naturalize o sofrimento ao qual é exposto. Ouvir ou olhar a história memorial do sujeito social ou de um grupo, é uma maneira dos trabalhadores tomarem conta de sua vida, afirmarem a sua importância e apreenderem o sentido de classe em suas dores.

Por isso, Barthes (2002) salienta a importância dos diversos tipos de narrativas de acordo com os grupos e as identidades que possuem. Neste caso, essas histórias foram contadas a partir das geofotografias, de trabalhadores e trabalhadoras migrantes da região Nordeste do Brasil e que vivem na cidade de Rio Verde, Goiás.

Tal procedimento iconográfico da fotografia possibilitou conhecer as trajetórias territoriais desses sujeitos e de sua rede socioafetiva caracterizada pelo grupo de acolhida na cidade. Portanto, esse trabalho consiste numa releitura atualizada do capítulo IV “Geofotografias e histórias: trajetórias territoriais de trabalhadores migrantes nordestinos” discutido na tese de Soares (2020).

Reconhecer as dimensões territoriais e as territorialidades dos trabalhadores migrantes nordestinos na cidade em foco é, próximo do que propõe Vale (2007), entender a gênese da migração interna em uma cidade de agricultura capitalista monopolista e analisar a territorialização do nordestino no espaço urbano da cidade de Rio Verde. Nesse contexto, buscou-se as expressões das territorialidades econômicas, políticas e culturais representadas a partir do que Pidner (2019) cunhou de eventos, narrativas, projetos ou atos geofotográficos, ou simplesmente, geofotografias.

Na medida em que as representações iconográficas foram sendo captadas ao longo das andanças e das conversas exploratórias, propôs-se utilizar também as geofotografias cedidas pelos próprios trabalhadores. Assim, definiu-se como geofotografias, uma dessas vias dialógicas possíveis na qual as descrições imagéticas existenciais que apresentam ou não narrativas mais ou menos complexas e possibilitam identificar as representações territoriais e sociais da vida do sujeito ou de um grupo.

Sendo a fotografia um instrumento de representação territorial e, portanto, também de representação social já que manifesta parte de uma dada realidade, cabe ao pesquisador extrair informações que o leve das territorialidades mais simples às mais complexas. Por conseguinte, um álbum ou até mesmo algumas fotografias sequenciais levam a construir ou desnublar a narrativa de parte da vida.

Tal qual Rosseto (2014) que identifica na fotografia um instrumento possível de se produzir críticas sociais, Pidner (2019, p. 57) observa que a “representação é uma substituição do que não está presente e pode ser feita imageticamente, por palavras ou por outros símbolos”. Portanto, as geofotografias servem de narrativas auxiliares

para desnublar as representações sociais e caracterizar as territorialidades daquele trabalhador migrante nordestino.

AS GEOFOTOGRAFIAS E TRAJETÓRIAS SOCIOTERRITORIAIS

Neste estudo, parte-se das geofotografias para apresentar a narrativa do trabalhador migrante que acontece durante o exercício da atividade laboral, o encontro da rede socioafetiva ou outro evento no qual produz a sua vida na cidade. Para a interpretação das histórias foi desenvolvido um diálogo teórico, que é uma das linhas do grupo de pesquisa e de estudo Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira). Amparou-se, também, com o conteúdo originado da interlocução com a Rede de pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura (ENTREMEIO) e do Grupo de Trabalho (GT) Geografia e Literatura: diálogos possíveis.

Diante das geofotografias clicadas ou colhidas, foi ouvida a voz do trabalhador, das mulheres, dos coletivos do feminismo negro, dos sem-terra, de operários. Registrar e apreender as tensões e as alegrias dos migrantes, bem como seus medos e suas vitórias, enfim, estudar as trajetórias de vida e de classe trabalhadora, tornam-se motivos para não fazer uma crítica abstrata. Conforme ensina Paulo Freire (2016), o trabalhador ao pronunciar o mundo com outro trabalhador, descobre que o seu mundo concreto, possui causas. Gera, portanto, a possibilidade de reflexão do seu lugar no mundo.

Isso equivale à pronúncia do geógrafo francês Paul Claval (2013), para qual fazer geografia é saber como as pessoas vivem. Aí reside a importância do papel do trabalho de campo na geografia, pois entende-se que a vivência possui a mediação conflituosa tramada no território. No mais, o autor assevera que o trabalho de campo “garante a autenticidade das observações coletadas e proporciona a descoberta de realidades que escapam às outras estratégias de investigação. Ademais, também se faz útil para a formação do cidadão”.

De acordo com as palavras de Barthes (2002), todos os grupos e todas as identidades possuem narrativas. Se elas podem ser orais ou escritas, também podem ser iconográficas na forma de geofotografias. Assim serão apresentadas e discutidas as histórias de trabalho e de vida desses trabalhadores migrantes nordestinos. Organizadas conforme o critério do trabalhador migrante, servem para conhecer as trajetórias territoriais dos sujeitos em Rio Verde.

Partiu-se de um roteiro pré-elaborado para que, a partir dos cliques das cenas concretas de suas trajetórias em Rio Verde, fosse possível observar o modo do migrante significar a cidade através do que ressaltava ou escondia. Enquanto alguns aceitaram participar da pesquisa, outros alegaram dificuldades como vergonha na exposição ou mesmo dificuldade de cunho técnico ou de aparato tecnológico.

É dessa possibilidade de apresentação dos sujeitos e de suas vidas que as geofotografias se apresentaram valiosas para o migrante. Ainda mais quando se tratam de tempos onde a exposição visual tem um peso social para os indivíduos. Isso faz com que seja necessário inclusive considerar as imagens feitas antes da pesquisa, pois

colaboraram para avaliar e desnublar a visão que o sujeito possui do processo migratório a partir da própria vida.

No transcorrer das pesquisas de campo, do estabelecimento das observações e dos diálogos informais, avaliou-se a necessidade de recorrer, também, à própria coleta de imagens. Se tomou como apoio alguns aportes e estudos sobre a Geografia da Imagem. Entre eles, Steinke, Reis Júnior e Costa (2014), dão atenção aos conceitos, métodos e técnicas existentes na relação entre Geografia e Fotografia. Isso faz com que esse grupo de autores, além de outros tantos, tentem compreender a partir de seus fundamentos o papel da imagem como forma de contribuição à análise geográfica.

Por sua vez, Pidner (2019) anuncia a geo-foto-grafia como um caminho cartográfico para explorar narrativas como fez nas obras de Sebastião Salgado. Para a autora, as fotografias irão apresentar narrativas multiescalares formados por meio de cortes de planos. Isso significa que apesar de não terem um enredo contínuo, a importância está gravada nas histórias completas que contam. Nesse contexto, pode-se associar a este trabalho, quando diz que representações fotográficas colocadas em narrativa confirmar o argumento individual de cada imagem, mas sem se repetirem.

Uma coleção de imagens, em que uma remete à outra. Seguindo essa mesma ideia, cada narrativa presente no livro pode ser lida autonomamente, pois carrega sua força e sua proposta. No entanto, também se torna enriquecedor compreender como as narrativas são enredadas entre si, transportando o espectador-leitor de uma paisagem a outra, em um encadeamento de nós espaciais que se interligam em uma rede de correlações visíveis e invisíveis (PIDNER, 2019, p. 83).

É justamente nessa descontinuidade de enredo de uma narrativa contínua que as imagens oferecem a dimensão adequada para avaliar e desnublar aquela a mediação conflituosa tramada no território da vivência. Buscando refletir com Chaveiro & Borges (2014) sobre como a popularização da imagem fotográfica permite construir representações do contemporâneo, assevera-se aqui a descoberta de realidades que escapam às outras estratégias de investigação como, por exemplo, o uso de entrevistas orais.

Uma vez que o geógrafo lida com imagem desde a origem da sua existência, a fotografia tem se tornado um instrumento que participa do cotidiano das pessoas. Popularizada ao extremo e, por vezes, banalizada, a fotografia é apenas um dos meios de produzir imagens do real. Isso, pois a imagem tem várias perspectivas e formas, inclusive as feitas pela imaginação e sobre este papel da fotografia, os autores dizem que,

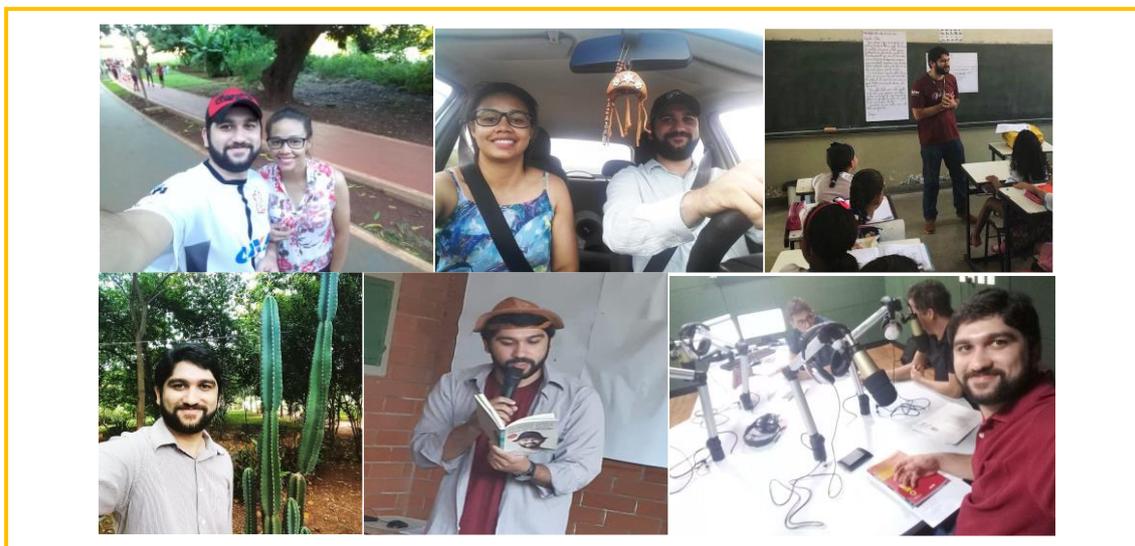
[...] não há dúvida que os “cliques” e os “flashes”, tão habituais nas redes sociais e na prática cotidiana do sujeito contemporâneo, são revelações do próprio espaço/tempo em que se instauram, nos quais a fotografia foi popularizada. Nesse mesmo espaço/tempo, vive-se o pleito do tecnocentrismo, da multimídia, da dessacralização da imagem, da força de um olhar banal ou

o “ready-made” na incauta propriedade em transformar cada momento, cada lugar e cada situação na glorificação do imediatismo, ou no que denominamos “dispersão do pensamento”, em virtude da fragmentação que ofusca o todo e deforma os sentidos (CHAVEIRO & BORGES, 2014).

Mesmo que a fotografia seja popularizada, o fato dela revelar e ocultar, ajuda o geógrafo a ler as trajetórias territoriais de um grupo de sujeito, como é o caso dos trabalhadores migrantes nordestinos. Sendo assim, histórias e imagens contribuem de, sobremaneira, com esta pesquisa.

Trazendo essas fotogeografias para o estudo, o painel fotográfico enviado pelo trabalhador nordestino, Figura 1, ajuda a compreender que mesmo entre os migrantes há diferenciação social interna. Ela pode ser vista pela idade, pelas condições de vida aparentadas, pela condição escolar de pós-graduado, o que repercute na capacidade de se empregar e também nos ganhos e, assim, na organização da vida.

Figura 1 - Relação socioterritorial e estereótipo social.



Fonte: Luiz Ricardo Arapiraca, 2020.

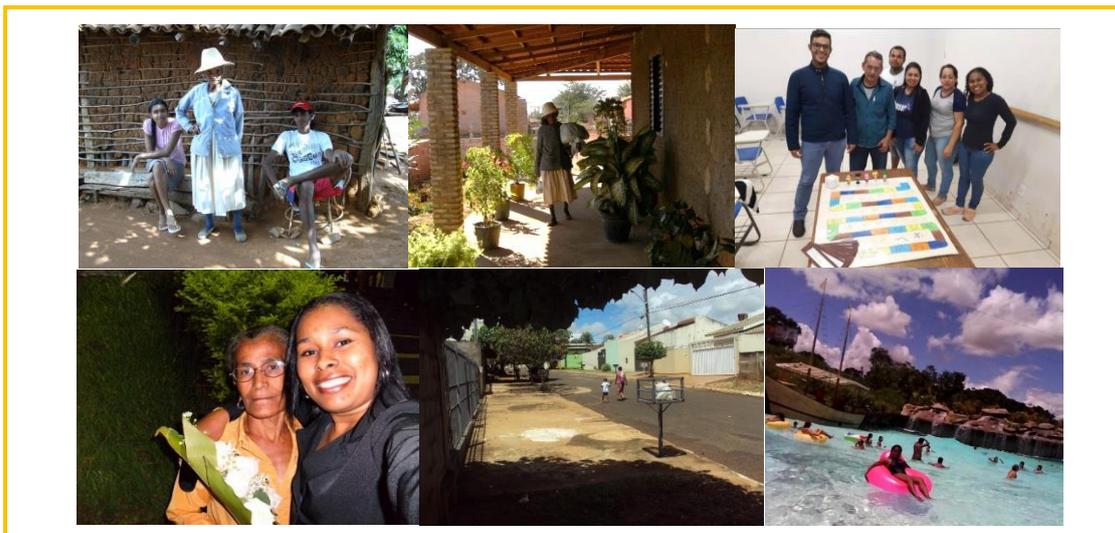
A partir dos dados de escolaridade dos migrantes nordestinos moradores de Rio Verde (SOARES, 2020), as imagens do sujeito e do casal representam exceção entre a população nordestina migrante. No que diz à melhor escolarização, conforme se vê nas imagens, cria-se outra relação com o território como: o uso dos parques, a capacidade de participar da cultura juvenil, como é vista nas roupas e na própria pose.

Outro aspecto relevante nas imagens é a relação cultural ambígua com a cidade na medida em que se mescla a cultura nordestina e o agronegócio responsável pela exploração da mão de obra do migrante. Nas fotos, a participação de récitas de cordéis e de programa de rádio, pode conduzir a relação ambígua a uma performatização da cultura popular. Sobre isso o sujeito relembra: “esse momento é durante uma entrevista para a Rádio Web UNIRV, pois fui convidado para falar sobre Literatura de Cordel, como também declamar alguns dos meus cordéis”.

Contudo, manter o chapéu, posar frente ao mandacaru, se apresentar sorridente sem negar a própria cultura, traduzem-se em não abandonar as raízes. O processo de significação, inclusive na escolha das fotografias, o modo de apresentar a própria imagem e os componentes do sujeito, sejam os gestos, o modo de colocar as mãos, a forma de olhar, são cortados pela visão de mundo, de valores e das ideologias.

Se a fotografia de expressão narcísica apresenta uma configuração, outras se valem da memória, como é o caso dessa migrante que preferiu mostrar casa de seu lugar de origem com sua vó e primos como na Figura 2.

Figura 2 - Memórias do desenraizamento.



Fonte: Ana Cléia, 2020.

Neste painel fotográfico é ressaltada a memória de uma migrante sobre a antiga moradia no Nordeste e a vestimenta da avó que carrega sua trouxinha de roupa, a matula. Há, também, a ligação com a família e a efetiva ligação com o mundo do trabalho. O detalhe do chapéu de palha, traço que une trabalho e cultura, revela o exercício da vida ligado ao trabalho duro.

A trabalhadora migrante nordestina conta que as casinhas de taipa são próximas do povoado onde a família morava. Após anos sua prima fez uma outra de alvenaria para residir com os filhos, avó e bisavó. Complementa, ainda, que “mesmo depois da construção da casa de alvenaria, minha avó tinha que ir todo dia para a casa dela. Quando ficamos sabendo disso estranhamos. Minha prima teve cinco filhos, mas só depois que fomos lá que entendi. Passar o dia com 5 adolescentes ninguém merece”.

O mosaico de fotografias apresentadas pela migrante, revela três aspectos interligados. No primeiro, a escolarização está documentada no semblante de risos representando felicidade. O sentimento de vitória pessoal pelo acesso e pela formatura em uma Instituição de Ensino

Superior (IES) pública e gratuita. Nesse item o orgulho pessoal é documentado na sala de aula e na vitória consumada junto a mãe.

O segundo aspecto apresenta a inserção social, mostrando a rua onde mora e que não está excluída do lazer. A sua jovialidade e as conquistas se evidenciam como perspectivas para o futuro. Diferente da migrante idosa, ao ressaltar o presente, o importante não é memória, mas as conquistas atuais. Percebe-se que os aspectos frontais da fotografia são demonstrações do que é chamado midialização do indivíduo.

É interessante, então, observar que o retrato transmitido sobre a vida em Rio Verde refere-se apenas as conquistas. Ao mesmo tempo que é importante ao sujeito reforçar que a vida deu certo, utiliza-se do discurso imagético de cidade das oportunidades no qual é o resultado se alcança com mérito e esforço.

Por outro lado, é difícil retratar e, portanto, deixa de fora das imagens as mazelas e as injustiças sofridas, tais como um possível preconceito, a exploração da mão de obra, as dificuldades de acesso ao transporte ou o elevado custo de vida. Isso tudo é abstraído quando a relevância é substituída pela aquisição da ação do clube na qual trabalhou e que à época o salário não permitiase tornar sócia.

Não sendo mera ação da migrante, mas da maioria dos jovens, a fotografia com ressalto às conquistas do indivíduo se tornou elemento do culto à exposição. Esse procedimento é coerente com a sociedade de consumo sobre o qual Oliveira & Boni (2015), explicam:

Com as transformações sociais e técnicas, os espaços da intimidade familiar foram pouco a pouco conquistados pelas demandas midiáticas e do consumo. Esse processo teve impacto a longo prazo na mudança de regime das imagens de família. Retratos publicados nas colunas sociais, vídeos caseiros enviados para programas de televisão, apresentações ostentatórias do álbum de férias. Gradativamente o valor de exposição conquistou espaço, rivalizando com o valor de culto (OLIVEIRA & BONI, 2015, p. 50).

Mas como vimos, essas imagens não servem apenas ao culto à exposição ou um elemento da sociedade de consumo. Elas revelam o modo da pessoa, como a migrante destacada, ver a si própria no espaço, mostrar as suas conquistas, registrar o seu contentamento.

Ao mesmo tempo, o terceiro aspecto, recaí sobre o exercício de construir a memória ou de não deixar o passado se dissipar. Ao ser revelado na imagem da avó, mostrou-se, primeiramente a importância desse fundamento humano, que é um ser de memória. Para o migrante, perder a memória é uma perda de si, das suas raízes e de suas origens. Significa indiretamente uma dissipação com a família.

O fato de a memória ser ressaltada, especialmente por quem migrou quando pequena, demonstra que esse é um desafio de qualquer migrante: não romper com o passado, mas assimilar o presente. A relação entre memória e migração é refletida por Xavier da Silva & Heloisa Pait (2016) quando elas dizem que,

Migrar é trazer na bagagem objetos, experiências, modos de ser. Como uma viagem, ela só existe por causa de um espaço, um transporte, um deslocamento. Estar em um ônibus, em um carro, na estrada, é o mesmo que não estar em lugar nenhum. Não porque a estrada ou o carro não sejam um lugar. Eles existem. Mas não estamos em um lugar conhecido, estabelecido, fixo. O que era, agora não é mais, e o que será, ainda não chegou. Como falar dessa sensação? Como explicar essa experiência entre o pertencer e o não pertencer? Aquela frase dita quando as pessoas não conseguem explicar uma sensação: “só vivendo o que eu vivi”. A migração é um pouco deste algo próprio da experiência (SILVA & PAIT, 2016, p. 63).

A reflexão das autoras demonstra, inicialmente, a ligação da migração com o território, posteriormente, mostra a transição. – “o que era fixo, agora não é mais, e o que será, ainda não chegou...” – de um lugar certo para um lugar incerto. Na transição ocorre a importância dos lugares de memória, como é a imagem da casa da migrante.

O migrante necessita dos lugares de memória, pois não pode perder os fios de sua vida. Para que isso seja possível, é de fundamental importância a reunião na casa de um ou de outro de sua rede socioafetiva. Assim, as casas, as quitinetes, os quintais e até as calçadas das casas vão se transformando nesses lugares de memória sempre ao som do forró compartilhado com os vizinhos. Neste ponto, vale lembrar, inclusive, que como não existem muitos espaços para relembrar a cultura e as tradições, uma demanda eterna é a construção de um Centro de Tradições Nordestinas (CTN) que sequer o poder público municipal rio-verdense edificou.

É nítido em grande parte dos migrantes, assim como do brasileiro em geral, o gosto pela reunião, pela festividade do encontro e da conversa. Seja, aos finais de semana com um churrasco ou uma peixada; nos aniversários da família ou de amigos da rede socioafetiva; ou a qualquer dia ou noite em que se tenha o que comemorar.

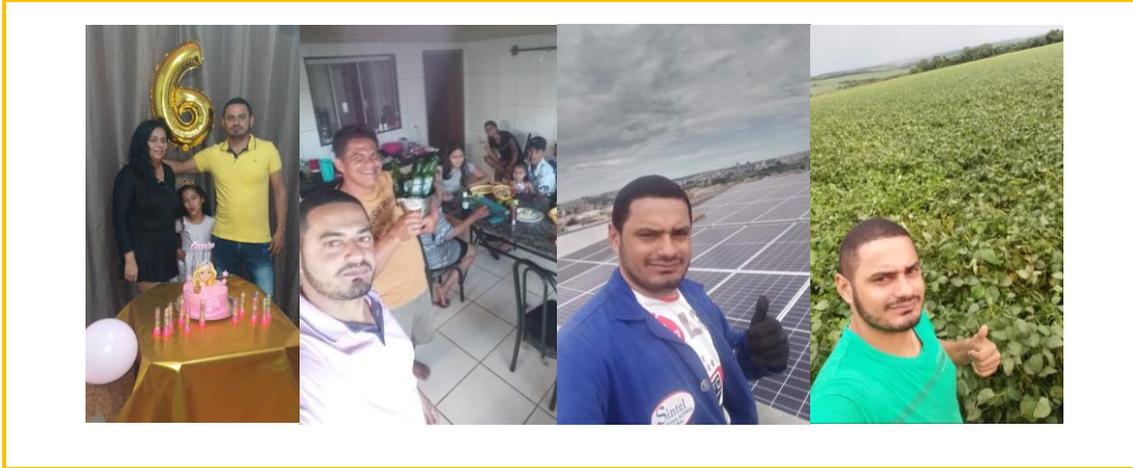
Na próxima sequência de geofotografias, Figura 3, tudo é ritmado de acordo com a dinâmica do trabalho, a partir dos recursos financeiros e do tempo permitido pelo capital. Em uma cidade em que o custo de vida é elevado, a solidariedade e a coletividade também são presentes. Se fazem presentes também a divisão de grupos por gênero, idade e atividades em uma nítida divisão conservadora.

Para que possa haver a congregação, deve-se produzir recursos monetários. A produção da vida em um território de elevado custo de vida se faz com muito trabalho e, quase sempre, em múltiplas atividades e jornadas extras. Assim, as duas últimas geofotografias do conjunto evidenciam a necessidade e a disposição que o trabalhador migrante nordestino tem em realizar quaisquer tipos de atividades.

Nem a baixa escolaridade, em muitos casos, é vista como empecilho. Se uma hora ele está trabalhando com geração de energia, na outra pode muito bem trabalhar em uma propriedade rural ou desenvolver atividades no urbano. A divisão social do trabalho grita. O que vale é

estar inserido, gerando salário para abrigo e sustento próprio e da família de modo que sobre algum recurso para confraternizar com a rede.

Figura 3 - A congregação ritmada pela dinâmica do capital.



Fonte: Cassiano Vicente, 2020.

Não é de estranhar que em uma sociedade tradicional e conservadora como a de Rio Verde, os migrantes aparecem nas fotografias com os conterrâneos que também migraram. O núcleo de vivência atual é o mesmo que outrora fora o da sobrevivência na partida e na chegada. Raros os casos em que os migrantes relatam terem feitos amigos ou terem sido acolhidos pelos nativos. Não raro é o contrário, vários são os relatos de desrespeito, humilhação e preconceito ao ser humano, a linguagem, jeito e costumes.

No cômputo, sobre essa relação ente a memória e a vida ou entre o lugar certo e o incerto, Xavier da Silva & Heloisa Pait (2016), sintetizam com similitude o que acontece em nos encontros vivenciados junto aos nordestinos em Rio Verde.

Os lugares da memória no grupo pesquisado acontecem de diferentes formas. O que buscamos entender nestes lugares são suas características principais, como são construídos e como os indivíduos interagem nestes lugares. Não há um dia fixo para se lembrar da migração para essa comunidade. Os lugares da memória são construídos nas conversas familiares que podem ser tanto as festas como as conversas que acontecem no dia a dia. Consideramos festas familiares tanto aquelas de fim de ano e aniversários quanto encontros de fim de semana e almoços de domingo. Nessas festas, vários membros da família estão reunidos: pais, tios, primos e avós, além dos agregados como namorados, cunhados e amigos de parentes. A formação de grupos nesses encontros é mais nítida. As mulheres ficam próximas, cuidando dos preparativos e da comida. Os homens se reúnem e por vezes são responsáveis por preparar o churrasco, comida que parece ter se tornado comum nesses encontros. As crianças formam outro núcleo e aproveitam para interagir com os primos. Esses grupos estão em constante

contato, porém, é possível perceber a formação e a diferenciação entre eles (SILVA & PAIT, 2016, p. 69).

O migrante busca construir lugares de memória. As conversas, as redes socioafetivas, a comida, a música e as fotografias são meios para constituir a memória. A luta pela memória é a luta para não perder a si. Nela, as identidades individual ou coletiva se situam pela memória. Portanto, pertencer a uma família, a um lugar de origem, a um país e a um tempo, evoca a memória. Isso é bem explicado por Caixeta (2014) quando a autora esclarece que,

Na construção da identidade, é preciso também levar em conta nossa relação com os diversos grupos sociais aos quais pertencemos; com a noção de lugar e nação; com a continuidade no tempo e o sentimento de ter e de participar de uma história. Nesse último aspecto, os estudos sobre a memória têm contribuído para o entendimento de si, pois é ao resgate de eventos, via memória, que está vinculado o sentido de orientação do sujeito na passagem do tempo. A faculdade da memória, ao permitir que se reencontre uma série de eventos passados, que dá sentido ao presente e traz à tona vivências diversas que são importantes para o entendimento de si, pode proporcionar reelaboração e reflexão das experiências. O passado não está definitivamente inacessível, uma vez que é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Memória e identidade se associam, se alimentam e se apoiam para delinear uma trajetória de vida, uma narrativa pessoal (CAIXETA, 2014, p. 35).

A relação entre identidade, memória e espaço é apropriada para o migrante, especialmente daqueles com mais idade que são obrigados a deixarem os seus lugares de moradia. Ao escolher uma imagem do lugar de origem e manter traços característicos do trabalho, como o chapéu na cabeça, a trouxa de roupa para lavar, a identidade de trabalhador fica situada na imagem.

As imagens exemplificam as diferenças das identidades dos migrantes. As diferenças, como são analisadas, são oriundas da idade, da escolarização, dos valores do salário e também da capacidade de inserção dos migrantes nos locais para onde migram, como é o caso do trabalhador nordestino para Rio Verde.

Vejamos o mosaico abaixo, Figura 4, que retrata a vida de uma universitária-trabalhadora migrante nordestina junto aos amigos nordestinos com quem divide moradia; aos colegas de trabalho na explícita felicidade em atender aos ditames do capital. Uma das geofotografias ainda retrata o estágio da faculdade espelhado no sorriso idealista de futuro para si e para as crianças para as quais leciona.

Tal como Pidner (2019) aponta, a sociedade moderna projeta-se em fotografias que não são meras figurações e, desse modo, o referente tem a mesma conotação do que os referentes em qualquer outra representação. Uma vez que a representação aparece como uma mediação, vale questionar o visível.

Na medida em que já não se observam muitos traços da cultura nordestina no contexto do dia-a-dia, resta então não olvidar a não ser pelo sotaque que a imagem não pode representar. A padronização dos hábitos e costumes, de certa forma facilita talvez a manutenção e a reprodução da vida em um território que mantém o preconceito ao migrante nordestino como algo radicado.

Figura 4 - As diferentes identidades do migrante.



Fonte: Mariza, 2020.

O ausente e o presente se mesclam nos painéis e mosaicos de geofotografias de modo dialético. Hora apresentam a verve nordestina mesmo que por trás das suas representações, hora conseguem camuflar as suas identidades como um camaleão que transita da Caatinga até o Cerrado.

O mosaico de imagens da migrante revela alguns aspectos importantes na leitura do processo migratório. Primeiramente, a construção da rede socioafetiva ou das redes que se estabelecem em vários lugares de contato. Ao se mostrar com demais amigos nordestinos em momento de lazer, a foto recai no adágio de que “a pessoa sai do lugar, mas o lugar não sai da pessoa”. Isso não é um simples adágio: a organização das redes de afetos com gente da mesma origem facilita a comunicação, o diálogo e, principalmente, a compreensão afetiva do lugar de origem.

Como irmãos de caminhada, os migrantes, como qualquer outra identidade social, não está ausente das ideologias e dos procedimentos da sociedade de consumo. A imagem feita pelo mecanismo da selfie junto aos colegas de trabalho, esses levantando o punho, simbolizando que estão prontos para o esforço, sinaliza o padrão imagético do atual período. Nesse padrão, altera-se a comunicação a partir de suportes digitais dando cabo a chamada sociedade conectiva.

Embora sendo exemplo da necessidade de exposição, os usos das imagens são variados. Por isso, há autores que veem também aspectos positivos como é o caso de Wortham (2013) onde ele entende o autorretrato ou selfie como uma espécie de diário visual. Esta imagem marca a curta existência do indivíduo e prova que ele esteve aqui.

Fora o debate do sentido das selfies, a leitura da imagem da migrante juntamente com os seus colegas de trabalho, com face risonha, evidencia um contentamento que aparece também na sua imagem no exercício

do estágio escolar, em que duas crianças, uma negra e outra branca, aparecem documentado o trabalho escolar. A inserção no trabalho, no lazer e na escola, revelada pelas imagens, parece ser necessária para o sujeito revelar a sua vitória pessoal com a migração. Como toda imagem revela e esconde, não aparecem muitos elementos como a moradia, o transporte e o exercício prático do trabalho.

Esses mosaicos de fotografias que criaram imagens feitas pelos próprios migrantes relativos às trajetórias na cidade, às vezes contrastam com histórias colhidas oralmente na pesquisa e também nas narrativas das cartas de vida analisadas por Soares (2020). Para desvelar essa contradição, se considerou necessário também desenvolver uma leitura imagética desse trabalhador na relação, sobretudo de trabalho, com a cidade e do acompanhamento das trajetórias dos migrantes. Procuramos percorrer os espaços de moradia, trabalho e de lazer dos migrantes e estabelecer conversas exploratórias diante da acolhida. Em outros lugares foram feitas visitas, como nas feiras, igrejas, nos bares e esquinas sempre com empatia.

Disso, resultaram outras imagens como a da Figura 5. Nela aparecem duas estruturas aparentemente contraditórias: uma casa de forró ao lado de uma igreja evangélica. Não há, senão, terrenos mais férteis que os dois para abrigar as ilusões e desilusões dos nordestinos que chegam em Rio Verde e capturar parte dos salários provenientes dos seus empregos. Enquanto de um lado se dá vasão aos desejos, do outro se prega a reparação da culpa.

Figura 5 - Entre o profano e o sagrado.



Fonte: autores, pesquisa de campo, 2020.

Nos bares e casas de forró, destacam-se a representação social da congregação da alegria e da cultura. Especificamente, os bares dos bairros segregados, onde moram a maioria dos migrantes, são importantes para falarem de seus problemas, produzirem o pertencimento, consolidarem as redes socioafetivas. Embora, visto pelo ângulo de várias igrejas, esses vários aspectos podem ser considerados “lugares da perdição”, “desvios de condutas cristãs”, “refúgio de quem quer contornar as mágoas”. Isto é, lugares profanos.

No caso das igrejas, notadamente sobre a atuação das igrejas neopentecostais, Guareschi (2017) expõe a representação social da promessa e do dinheiro:

A prática da “promessa” é certamente a mais frequente e generalizada entre as práticas religiosas do brasileiro. Ela consiste em prometer algo importante e relativamente difícil de ser executado, caso se consiga a realização do pedido feito. A promessa é uma dívida sagrada que se contrai com Deus ou com os santos. Essa obrigação é transposta, na fala dos pregadores, para a necessidade de se pagar pelo milagre, ou cura (muitas vezes aparente ou passageiro) acontecido a alguém. Há uma diferença, contudo, entre as “promessas” feitas e pagas no contexto da religiosidade popular, tanto católica como afro-brasileira, e a dos neopentecostais: para os primeiros, paga-se uma promessa com orações, romarias, penitências, oferta de alguns bens em espécie, como frutos da terra, despachos, etc., ao passo que, para os últimos, é necessário que se pague em espécie: só se aceita moeda corrente (GUARESCHI, 2019, p. 173).

As igrejas evangélicas, de diversos segmentos, crescem e se tornam lugares para os trabalhadores criarem irmandades e desenvolverem o pertencimento e aproximação com gente da cidade. Por meio delas, geram-se pautas de estudos bíblicos, de solidariedade, de promoção de festivais, de encontros para diversos fins. Numa entrevista concedida ao blog “Museu das Ilusões”, Márcio Pochmann (2019) faz a seguinte reflexão:

Hoje, cerca de 80 milhões de brasileiros frequentam semanalmente assembleias, as assembleias de Deus. Por volta de 2032, os evangélicos já serão maioria no Brasil. A lógica que rege esse fenômeno está mais ligada à subjetividade das pessoas do que à racionalidade. Essas igrejas são espaços de sociabilidade onde as pessoas podem falar sobre seus desejos e anseios. Lá elas encontram laços de fraternidade e solidariedade. Temos que ter a humildade de reconhecer a nossa defasagem de compreensão dessa realidade (POCHMANN, 2019, p. 3).

Muito além de serem somente espaços de sociabilidades e de trocas, as igrejas possuem outras funções, como a de sustentar às pautas de direita, apoiando, inclusive, projetos contra os direitos dos trabalhadores, como a flexibilização de leis trabalhistas e a reforma previdenciária. Contudo, a forma de comunicação, a participação nos ritos, a abertura de espaço para os trabalhadores exporem os seus problemas, as suas conquistas, os seus medos. Ou o pedido de perdão e a

conversão às entidades metafísicas dão ao migrante e, ao trabalhador, em geral, uma acolhida.

Todavia, a forma metafísica dessa sociabilidade não deixa a narrativa dos problemas dos trabalhadores e dos migrantes entrarem numa discussão de estrutural de classe. Sendo política, inclusive com organização de bancadas, mas dizendo-se contra a política, o poder das lideranças, como pastores, passa a configurar numa grande aliada geopolítica do (ultra)neoliberalismo.

Ainda que essa discussão demande mais atenção e mais aprofundamento teórico, interessa registrar a fragmentação das referências de mundo, a partir das duas imagens, a do bar e a da igreja, onde os elementos sagrado e profano estão juntos. A partir de 1990 a fragmentação do trabalho redundou na fragmentação das identidades e também das inserções sociais. É comum, numa mesma casa, haver diferentes ou antagônicas posições políticas, assim como filiações religiosas. Essa fragmentação foi crescendo com o investimento nas redes como a internet.

A análise da fragmentação do trabalho e as consequências na sociabilidade podem ser consideradas como apresenta Antunes (2007) quando explica que,

Trata-se, portanto, de uma aguda destrutividade, que no fundo é a expressão mais profunda da crise estrutural que assola a (des)sociabilização contemporânea: destrói-se força humana que trabalha; destroçam-se os direitos sociais; brutalizam-se enormes contingentes de homens e mulheres que vivem do trabalho; torna-se predatória a relação produção/natureza, criando-se uma monumental “sociedade do descartável”, que joga fora tudo que serviu como “embalagem” para as mercadorias e o seu sistema, mantendo-se, entretanto, o circuito reprodutivo do capital (ANTUNES, 2007, p. 40).

A fragmentação social do trabalho possui um caráter estrutural, pois refere-se ao circuito reprodutivo do capital e interfere diretamente na sociabilidade do trabalhador. O próximo mosaico de geofotografias, Figura 6, mostra várias atividades e exposições de trabalho dos migrantes em Rio Verde. O registro em comum é a marca do trabalho braçal na prestação de serviço e do atendimento ao público pelos balcões do comércio da cidade.

Figura 6 - O caráter estrutural da fragmentação social do trabalho.



Fonte: autor, 2020.

Primeiramente jovens migrantes da Bahia que trabalham num bar universitário posam alegres no local de trabalho. Posteriormente, vê-se bancas de tapioca e de “acarajé baiano” e seus trabalhadores-proprietários. Observa-se a higiene e a organização das bancas e também o sistema de cooperação entre os trabalhadores. Um aspecto ressaltado anteriormente que é visto nas fotos é a cor parda e preta dos trabalhadores. Esse aspecto demonstra a relação entre classe social e cor-etnia e colonização.

Observa-se ainda a linha de frente ocupada por mulheres, sinalizando a importância da feminilização da migração. Enxerga-se ainda a idade mediana dos trabalhadores e trabalhadoras. De maneira, que trabalho, cor-etnia, gênero e etariedade formam um elo demográfico que correspondem à situação do trabalhador migrante em Rio Verde e também em outros lugares.

Um interessante recorte vem da conversa com Rose e o marido Erinaldo que foi cortador de cana-de-açúcar quando chegaram em Rio Verde. Os dois tocam a produção e venda de tapioca nas feiras da cidade. Contudo, com o preço equivalente a um almoço, o alimento se torna caro ao trabalhador nordestino que também domina a técnica. Por isso, esporadicamente vão à feira do bairro Popular que possui maior circulação de nordestinos, mas onde poucas vendas do produto típico são realizadas.

Outra interessante situação que ocorre em quase todas as bancas de migrantes é a de levarem os filhos para o trabalho. Como a rede socioafetiva não cobre essa função de creche e o custo de contratação se torna elevado, a opção mais viável é que as crianças estejam junto e, as mais velhas, até auxiliem no trabalho.

Isso significa que o caráter estrutural da fragmentação do trabalho impõe a precarização do trabalho. Este, por sua vez, se torna a precarização do viver. Devemos considerar que o alto índice de desemprego e os perigos da perda dos que possuem, geram um contentamento por estar trabalhando, com isso, os trabalhadores possuem dificuldades para lutar contra a precarização. Ao analisar a migração em geral, externa e interna, Marinucci (2017), explica o processo:

É bom frisar que a exploração dos trabalhadores migrantes não visa apenas interesses imediatos e contextuais, mas esconde uma intencionalidade muito mais perversa: a precarização de todos os empregos. De fato, na ótica da racionalidade econômica hegemônica, o trabalhador perfeito é o *gastarbeiter*, o trabalhador hóspede, temporário, sem os entraves da família e dos sindicatos, com reduzida capacidade reivindicativa e urgente necessidade de dinheiro. A violação dos direitos laborais dos estrangeiros é, portanto, o ponto de partida para a vulnerabilização de toda a classe trabalhadora (MARINUCCI, 2017, p. 07).

Conforme o autor explica, tanto o trabalhador estrangeiro como nacional passam pela perda dos direitos. Em ambos os casos, conforme a racionalidade econômica hegemônica, o que se quer é a precarização de todos os empregos e, por conseguinte, da vida de todos os trabalhadores.

Até o momento as imagens dos trabalhadores e trabalhadoras migrantes nordestinos mostram elementos semelhantes entre os migrantes, como a motivação do emprego e a organização das redes socioafetivas. Mostram, também, elementos diferenciados, seja na divisão social do trabalho, ou seja, no tipo de trabalho que o migrante desenvolve, no grau de escolaridade, inclusive nas histórias pessoais. Reconhecer os elementos gerais e não abandonar os particulares tem sido a motivação da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise a partir das geofotografias põe foco no estudo das representações sociais dos trabalhadores migrantes nordestinos em Rio Verde, Goiás. O conjunto das diversas imagens disponibilizadas pelos sujeitos ajudaram a compreender que, mesmo entre os migrantes, há diferenciação socioeconômica. Essa diferenciação pode ser vista pela idade, pelas condições de vida, pela escolarização, o que vai repercutir na capacidade de se empregar, nos ganhos e, assim, na organização da vida.

Quanto melhor a escolarização, conforme visto nas geofotografias, cria-se outra relação territorial: o uso dos parques, a capacidade de participar da cultura juvenil, como é vista nas roupas, nos passeios de bicicleta, inclusive na própria pose. Outro aspecto relevante nas imagens é a relação cultural ambígua com Rio Verde na medida em que se apresenta a cultura nordestina mesclada ao agronegócio, mas sem negar a própria cultura, performatizando em fotos que mostram não abandonar as raízes.

As histórias de vida narradas a partir dos painéis geofotográficos, expõem as dimensões territoriais e as territorialidades do trabalhador migrante nordestino na cidade. Tal qual, permite entender a gênese da migração interna em uma cidade do agronegócio e analisar a territorialização do nordestino naquele espaço urbano. Foi possível evidenciar algumas das dimensões econômicas, políticas e culturais que são expressões do engendramento do sujeito social ao longo do processo de territorialização em um território árido à própria identidade.

Entende-se, portanto, que os trabalhadores em geral migram com as mãos, pois o vetor da vida e o objetivo da migração é o trabalho. Isso é evidenciado nas imagens, pois existe a necessidade do o sujeito mostrar que está imbuído em atividades laborais apesar de apresentar outros momentos de memória e lazer. Esse processo de significação na escolha das fotografias é cortado pela visão de mundo, de valores e das ideologias.

A geofotografia ora se apresenta como narcísica, em apresentar ingenuamente as conquistas materiais típicas da sociedade de consumo, ora se vale da memória ao registrar a casa da família que ficou no Nordeste. Ao mesmo tempo, existe sempre uma contraposição em apresentar elementos da vida anterior e da vida em Rio Verde como forma de mostrar que a vida está melhor do que era.

Em suma, as narrativas geofotográficas apresentadas serviram para desnublar as representações sociais e caracterizar as territorialidades do trabalhador migrante nordestino na cidade de Rio Verde, Goiás.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. L. C. O neoliberalismo e a precarização estrutural do trabalho na fase da mundialização do capital. In: SILVA, A. da et al. (Org.). Direitos Humanos: essência do Direito do Trabalho. São Paulo: LTr, 2007, p. 38-48.
- ARROYO, M.G. Outros sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis: Vozes, 2ed. 4a. reimpressão., 2018.
- CAIXETA, S. C. Memória e identidade em narrativas de migrantes: A chave de casa de Tatiana Salem Levy e Azul-corvo de Adriana Lisboa. 2014. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- CLAVAL, P. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo, Confins [En ligne], 17 | 2013.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, RJ e SP: 60ed, 2016.
- GUARESCHI, P. A. “Sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre neopentecostais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em representações sociais. 14. ed., 3ª reimp. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 153-181.
- MARINUCCI, R. Migrantes no mercado de trabalho: precarização e discriminação, in: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana. UNB – Brasília: 2017.
- OLIVEIRA, M. de.; BONI, P. C. Dos álbuns às redes virtuais: a mídiatização das fotografias de família, in: Tríade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 3, n. 5, p. 41-57, jun. 2015.
- PIDNER, F. S. Geo Foto Grafia: narrativas espaciais nas imagens de Sebastião Salgado. Salvador: EDUFBA, 2019.
- POCHMANN, Marcio. Comentários sobre a entrevista de Márcio Pochmann. 2019. Disponível em: <http://valterpomar.blogspot.com/2019/08/comentarios-sobre-entrevista-de-marcio.html> - Acesso em: 20 jan. 2019.
- STEINKE, V.; REIS JÚNIOR, D.; COSTA, E. Geografia & fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília, DF: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias: UnB, 2014.

SOARES, F. U. Mãos que escrevem o território, escrevem a vida: o trabalhador migrante nordestino em Rio Verde, Goiás. 2020. 236 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2020.

WORTHAM, Jenna. "My selfie, myself". The New York Times, Oct. 19. 2013. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2013/10/20/sunday-review/my-selfie-myself.html>. Acesso em: 15 jan. 2010.

Contato dos autores:

Autor: Fernando Uhlmann Soares
E-mail: fernando.soares@ifgoiano.edu.br

Autor: Valdir Specian
E-mail: valdir.specian@ueg.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 07/06/2024